

RESENHA



Desdobramentos sobre o trabalho em Marx

POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. São Paulo: Boitempo. 2014. 488p.

Henrique Pereira Braga*

Em recente artigo publicado na revista britânica *Strike*, David Graeber (2013) chama atenção para o fenômeno chamado *bullshit job*. Numa tradução polida, o fenômeno do “emprego inútil” consiste em uma miríade de ocupações dispensáveis à produção e à distribuição de mercadorias. De caráter burocrático e localizado no setor de serviços, estes “empregos” estariam em franca expansão desde que o setor industrial passou a reduzir sua ocupação em razão do crescimento da produtividade. Ao invés de o aumento da produtividade permitir às pessoas jornadas menores de trabalho e dedicação a outros momentos da vida, Graeber (2013) observa que novas ocupações foram criadas e trabalha-se mais, embora tais trabalhos não produzam, tampouco viabilizem a produção das mercadorias.

A causa para a proliferação dos “empregos inúteis”, para o autor, não está na esfera econômica – no sentido da eficiência produtiva. Mas sim na esfera moral e política, uma vez que o trabalho é um “valor moral por si mesmo” e trabalhadores produtivos com tempo livre podem ser perigosos – conforme se confronta os acontecimentos dos anos de 1960 (GRAEBER, 2013).

O argumento de Graeber (2013) recebeu crítica da revista *The Economist* (2013), a qual aponta para a inadequação desta tese, já que todos os empregos seriam “inúteis”, pois sempre foram criados trabalhos

* Doutorando em Economia IE/UNICAMP, Bolsista da PDSE/CAPES e Research Scholar na Universidade de Chicago, departamento de História. *Correspondência*: Rua Alfredo Bueno, 1123, Centro – Jaguariúna, São Paulo – 13820-000. *Email*: <henri.braga@gmail.com>

não desejados pelas pessoas ao longo da história humana. A questão principal dos novos empregos está, segundo o semanário, na elevada “complexidade” do atual processo de produção e de distribuição de mercadorias. Erguido a partir da ampliação da produtividade em razão do avanço da robótica e da “deslocalização” produtiva, o complexo produtivo atual faz do conjunto de trabalhos administrativos, qualificados por Graeber (2013) como “emprego inútil”, o equivalente contemporâneo ao conjunto dos trabalhos industriais do passado e, por isso, “úteis”.

Nessa linha, o problema do atual processo produtivo reside, de acordo com o semanário, tanto nas baixas remunerações dos empregos gerados no novo padrão, não permitindo aos trabalhadores desfrutarem de suas vidas fora do trabalho, quanto na pouca geração de postos de trabalho, cujo resultado é a elevação do desemprego e do subemprego. De acordo com *The Economist* (2013), a saída para essa situação está em se pensar remunerações dissociadas dos salários, pois os empregos administrativos podem ser o meio do caminho para um futuro sem trabalho menos por causa dos “interesses dos ricos” e mais em razão do crescente uso da robótica.

Para parcela significativa dos estudiosos inspirados em Marx, o debate sobre o lugar do trabalho na sociedade contemporânea tem obtido papel de destaque em seus escritos pelo menos desde os anos 1970, haja vista a profunda crise por que passaram diversos países, centrais ao arranjo social global surgido do pós-guerra, que conduziu ao fim o denominado “socialismo real” e a transformação do capitalismo.

Investigar o trabalho na sociedade capitalista, para esses estudiosos, implica indagar sobre o caráter desta sociedade, seu desenvolvimento e sua periodização, com vistas tanto à sua compreensão, quanto a procurar possibilidades para sua superação. Neste particular, a discussão acima sobre os “empregos inúteis” esboça, embora em termos controversos ao olhar dos estudiosos de Marx, uma leitura acerca da atual fase da sociedade capitalista, ao pôr em questão a situação daqueles que estão, dia após dia, a sofrer suas vicissitudes.

Com tradução para o português e publicado pela editora Boitempo, o livro *Tempo, trabalho e dominação social*, de Moishe Postone, lançado em 1993 nos Estados Unidos, figura entre os autores marxistas que contribuem para iluminar o controverso debate sobre o trabalho no capitalismo, bem como as questões na esteira dessa discussão. A partir de rigorosa investigação da obra madura de Marx, o autor realiza o diálogo crítico com os mais variados intérpretes de Marx ao longo do século XX – desde os “economistas marxistas” de Cambridge até a “Teoria Crítica” em seu último expoente¹, Jürgen Habermas. Deste modo, coloca em debate os

¹ Trata-se do último expoente da chamada “Teoria Crítica” analisado por Postone, pois, como se sabe, as reflexões recentes da “Teoria Crítica” estão sintetizadas nos textos de Axel Honneth, Nancy Fraser etc. Conferir, Camargo (2013, p.120).

pressupostos destes autores sobre o lugar do trabalho no capitalismo e a maneira conforme interpretam a superação desta sociedade.

Para Postone, as mais diversas compreensões sobre Marx compartilham de uma mesma leitura sobre o trabalho, a saber, o trabalho tomado somente como atividade mediadora entre os homens e a natureza. O capitalismo figura, nessas leituras, como uma sociabilidade na qual este trabalho é exercido por muitos e seus resultados são apropriados por poucos. Porém, com a peculiaridade de desenvolver o modo industrial de produção, o capitalismo proporciona elevada produção material que, bem planejada, pode ser distribuída de forma a atender as necessidades de todos os homens e mulheres.

Sem negá-lo como relação entre o homem e a natureza, Postone sugere que, para Marx, o trabalho no capitalismo não figura somente como essa mediação, mas também como a mediação das relações entre os próprios homens. Assim, do ponto de vista social, os homens existem porque trabalham, ao invés de existirem em sociedade e, no exercício das mais variadas atividades, também trabalharão.

A centralidade do trabalho na sociabilidade capitalista constitui, na análise de Postone, um ponto fundamental na compreensão de Marx sobre o capitalismo, pois assenta as categorias marxianas reveladoras da natureza desta sociedade, com especial atenção para a mercadoria, o valor e o capital.

Seguindo Marx, Postone sugere que, para este autor, o fato de a riqueza se apresentar em uma coleção de mercadorias significa que sua duplicidade – ser valor-de-uso e valor – está fundada na correspondente duplicidade do trabalho: concreto e abstrato. Por não ser somente massa homogênea de trabalho, a categoria trabalho abstrato reflete, segundo o historiador, a igualação de todos eles às parcelas do trabalho social, de modo que o trabalho despendido em cada uma das atividades produtivas conta enquanto parte do trabalho social. Como parcelas do trabalho social, o dispêndio de trabalho em determinada mercadoria somente participa desta totalidade na medida em que corresponde à média do dispêndio de trabalho efetuado na produção da referida mercadoria na sociedade. Por isso, seu valor é correspondente a esse tempo de trabalho.

Essa redução dos trabalhos a uma unidade de tempo referida à sociedade cria, para Postone, uma estrutura de trabalho específica ao modelo capitalista, no qual o controle sobre a produção, o processo produtivo e seu resultado são moldados segundo a sua riqueza: o valor. Por ser unidade social de tempo de trabalho, a ampliação da produção de riqueza não coincide, no capitalismo, com a ampliação na sua forma material, uma vez que, engendrado pela crescente produtividade, o processo produtivo capitalista gera mais valores de uso com menos dispêndio de trabalho. Deste modo, a parcela do mais-valor, por unidade de valor de uso, torna-se cada vez menor quanto maior a produção de mercadorias.

Produzir mais em menor tempo constitui, seguindo Postone, o *modus operandi* da produção capitalista, menos em razão da concorrência entre os capitais e mais por causa da dinâmica direcional interna à sua própria produção. Explicada pelo autor por meio do *treadmill effect*, essa dinâmica, em síntese, significa que: pelo fato de que todo o trabalho despendido na produção de mercadorias é igualado ao tempo médio utilizado pela sociedade, a elevação do mais-valor tem, na ampliação da produtividade, o único meio dos produtores individuais superarem o imperativo desta igualação. Tal fato acontece uma vez que aquele que conseguir produzir abaixo da média social eleva o mais-valor obtido, pois vende pela média social algo que “custou” abaixo desta média.

No entanto, a ampliação do mais-valor adquirida desse modo é temporária. Isto porque, à proporção que a própria circulação socializa o novo padrão de produtividade, a norma social relativa ao tempo de trabalho necessário à produção da mercadoria é alterada para esse novo “custo”. Deste modo, a ampliação da produtividade “não muda o valor total do valor produzido por unidade de tempo abstrato, ela [a produtividade] muda a determinação dessa unidade de tempo”. Assim, o autor conclui que “a hora de trabalho social é constituída pelo nível de produtividade”.

A dedicação de Marx às minúcias do processo de produção capitalista nos conhecidos capítulos de *O Capital* sobre a cooperação, a manufatura e a grande indústria, não se limitam a exemplificação da exploração. Em verdade, constituem, para Postone, incursões sobre a transformação no modo de controle da força de trabalho diante da dinâmica direcional da produção, explicada pelo *treadmill effect*.

Em consequência, a passagem da manufatura à grande indústria mostra a contradição produzida por essa dinâmica: a produção material prescinde, em escala crescente, do trabalho direto – constitutivo do valor. Além disso, depende sempre mais dos meios de produção, desenvolvidos pelo avanço da ciência aliado à técnica; a capacidade de produção material entra em contradição com a produção de valor.

Nesse âmbito, o autor recorda que a própria produção capitalista procura contornar essa contradição. Contudo, não pode solucioná-la, pois, com o aprofundar da forma de trabalho constitutiva da manufatura – isto é, trabalho unilateral, maquinal e repetitivo – na grande indústria, procura-se manter a presença do dispêndio de trabalho direto, a fonte do valor.

Diante do quadro acima, Postone sugere que a centralidade do trabalho é específica à sociedade capitalista, sendo que a própria estrutura da atividade produz o sujeito histórico que subjuga os humanos à socialização pelo trabalho: o capital. Enquanto valor que se valoriza constantemente, a superação do capital exige, ao invés da apropriação dos resultados da produção capitalista com vistas à sua distribuição eficiente, a profunda transformação da estrutura de trabalho, uma vez que essa constitui o fundamento do valor. Essa transformação passa, na perspectiva do autor,

por estabelecer como objetivo da produção a riqueza material e, com isso, pôr as forças produtivas constituídas a serviço dos humanos, reduzindo de forma significativa o tempo de vida dedicado ao trabalho direto.

Com essa polêmica releitura da crítica à economia política feita por Marx, Postone explica a compulsão pelo trabalho – inclusive as “ocupações inúteis” –, característica da sociedade capitalista, e aponta ser a sua superação o necessário fim do capitalismo. Longe de significar a universalização da condição de trabalhador ou somente a abolição dos mercados pelo planejamento central, exige uma profunda transformação da estrutura de trabalho e, por isso, do lugar deste na vida cotidiana.

Entretanto, o livro vai além das conclusões acima sumarizadas ao proporcionar ao leitor questionamentos sobre outras temáticas no campo dos estudos marxistas – que vão desde o tema da riqueza capitalista e do tempo de trabalho até a natureza da crítica de Marx, passando pelo diálogo crítico entre Marx e Hegel. Trata-se de uma leitura por dentro das obras de maturidade de Marx, com especial atenção para os *Grundrisse* e *O Capital*, e um profundo debate sobre o marxismo, primando por uma análise histórica e processual da sociedade capitalista.

Tal leitura é possível porque o autor recupera categorias analíticas como o tempo, o trabalho e a riqueza, centrais em Marx para pensar a sociedade do século XIX, e demonstra que, mesmo com as transformações no capitalismo, essas categorias continuam importantes para refletir sobre esse sistema social, econômico e cultural de dominação. Proporcionando, portanto, uma leitura para além da conjuntura da nossa sociedade.

Ao permitir uma gama de reflexões à luz da releitura da obra de Marx, o livro recebeu traduções para o alemão, japonês, francês, espanhol, e está em vias de ser publicado em chinês e romeno. Pelo mesmo motivo, o livro rendeu, em 2004, um número da revista *Historical Materialism* dedicado ao debate das suas questões provocativas. Com a tradução do livro para o português, tem-se um estímulo maior à (re)abertura² do diálogo crítico no Brasil com a obra madura de Marx, com os autores de inspiração marxistas e com os conceitos-chave para uma reflexão processual que permita compreender a atual fase do capitalismo.

² Apesar de pouco destacadas, as ideias de Postone receberam importantes apreciações críticas no Brasil. A esse respeito, destacam-se os trabalhos de Mário Duayer, João L. Medeiros e Silvio Camargo.

Referências

CAMARGO, Sílvio. Teoria Crítica e Dominação na obra de Moishe Postone, *Revista Mediações*. Londrina: Mediações, n. 2. p.118-32, 2013.

GRAEBER, D. On the phenomenon of bullshit jobs. *Strike Magazine*. 2013. Disponível em: <<http://strikemag.org/bullshit-jobs/>>. Acessado em: 23 dez. 2014.

THE ECONOMIST. On 'Bullshit Jobs'. 2013. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/freeexchange/2013/08/labour-markets-0>>. Acessado em: 21 fev. 2015.